



III Seminário de Extensão Universitária

Diálogos e Partilha de Saberes

DIVER(S)CIDADE

DIÁLOGOS SOBRE DIVERSIDADE NA CIDADE

Ana Claudia Duarte Cardoso

Universidade Federal do Pará

email: acardoso@ufpa.br

Palavras-chave: Racismo, Colonialidade, Cidades Amazônicas.

Em 2019 estudantes da FAU/UFGA organizaram uma programação para celebrar o dia da Consciência Negra, e naquela oportunidade os testemunhos e diálogos entre os alunos e destes com os professores mostraram pontos que mereciam atenção para que a formação oferecida pela escola pudesse ser mais inclusiva, respeitando as identidades que constituem o universo de estudantes desde que a Lei de Cotas (Lei 12.711/2012) garantiu 50% das vagas ofertadas pelos cursos das instituições federais para estudantes oriundos de escolas públicas. Na UFGA o sistema foi consolidado com oferta de cotas raciais, cotas de renda e de deficiência física.

O direito garantido, contudo, não resultou em adaptação de práticas didáticas, na incorporação de referências representativas das identidades negras, indígenas ou dos grupos que historicamente foram excluídos da universidade. A formação para a intervenção na cidade, no edifício (de uso público ou privado) ou no espaço público segue privilegiando a lógica hegemônica (técnica e estética), causando desconforto e estranhamento em metade dos estudantes, que anseiam por soluções para os ambientes com os quais eles convivem.

Estava claro que o enfrentamento deste desafio requeria estudo e diálogo, e com esse objetivo o projeto Diver(s)idade foi submetido ao edital Eixos Transversais da UFGA, e após aprovação desenvolvido de agosto de 2020 a julho de 2021, com total apoio da plataforma virtual Google Meet, de grupo do Whatsapp, de recursos compartilhados como o mapa mental do Coogole.it e do Padlet.com e do YouTube. As mídias sociais permitiram a mobilização de participantes, que tiveram participação ativa no desenvolvimento de exercícios propostos para a construção de paralelos entre conteúdos teóricos e cenas do cotidiano.

A metodologia adotada baseia-se na concepção de Paulo Freire (FREIRE, 1996, 1987), aproveitando a experiência de projeto Ubuntu, desenvolvido no ano anterior, com estudantes da Educação no Campo, e teve como primeiro passo a difusão do pensamento de autores que questionam a perspectiva hegemônica, nas ordens política, econômica e cultural, ainda predominante no conhecimento reconhecido no âmbito da universidade.

Era necessário desenvolver um trabalho de base, com discussão de autores latino-americanos chamados de decoloniais, ou que se autodenominam anticoloniais, por abordarem a cosmovisão, a perspectiva histórica e/ou os comportamentos de povos indígenas e de grupos de matriz africana, no enfrentamento de opressões diversas, como Silvia Rivera Cusicanqui (2015), Alberto Acosta (2011) e Frantz Fanon (2008).

As obras selecionadas foram adotadas como ponto de partida para rodas de conversa sobre temas extraídos dos textos para oferecer apoio para a reflexão sobre as circunstâncias vividas na Região Norte do Brasil, e mais especificamente no Pará. Estas Rodas de conversa foram chamadas de Círculos de Leitura e foram realizadas no decorrer de seis meses de projeto, com participação de uma audiência plural, que abrangeu pessoas de outras áreas de conhecimento, e permitiu a participação de pessoas baseadas em outras cidades além de Belém, em função do contexto de trabalho remoto em que o projeto foi desenvolvido em decorrência da pandemia de Covid-19.

O uso de ferramentas compartilhadas permitiu a produção de murais com postagens dos participantes e a consolidação dos diálogos em recomendações para ampliação dos conteúdos estudados na realidade local. Esta etapa contou com o apoio de guias de leituras, com apresentação dos autores, linha do tempo de suas obras, resumo do livro adotado e proposta de um exercício em condições locais a partir das categorias de análise oferecidas pelos autores. Foram gerados mapas mentais resumindo cada obra, arquivos intermediários com a publicação dos murais compartilhados e uma consolidação das recomendações sobre agendas comprometidas com o combate do racismo, da produção de situações de exclusão na maneira de pensar a cidade.

A representação de situações urbanas, o tratamento de espaços populares, o simbolismo subjacente às linguagens utilizadas em propostas de intervenção, as formas de expansão das cidades, de supressão de rios e áreas vegetadas, foram temas que emergiram a partir da postagem de fotos, relatos de vida, e permitiram a compreensão da adesão de repertórios espaciais à cosmovisões específicas, e que o capitalismo seria mais uma cosmovisão, ainda que seja aquela assumida como hegemônica. Estes conjuntos de materiais foram disponibilizados na página do projeto, hospedada no site www.urbanapesquisa.net, juntamente com as gravações das discussões.

Como o objetivo era ampliar o alcance deste debate, dentre os estudantes de arquitetura e urbanismo, e de outras áreas afins, esta informação também foi formatada para difusão ampla, disponibilizada em redes sociais como You Tube, e Instagram, em formatos que também permitem sua utilização por escolas de ensino fundamental. Esta perspectiva foi assumida por outro projeto que contava com recursos para produção de material didático, e que consolidou informações sobre áreas que expressavam as situações em debate, e a articulação entre os projetos permitiu a produção de livretos, game, animações, que foram apresentado a educadores em uma Roda de Conversa, chamada de Círculo de Cultura, como estratégia de aproximação da universidade com a formação básica.

O projeto foi concluído com Círculos Epistemológicos, que consistiram em diálogos promovidos via mídia social com depoimentos de estudantes que participaram do projeto, artistas e pessoas inseridas em contexto sujeito aos processos abordados, para ampliar a difusão dessas manifestações. Esta atividade foi adaptada para uso do perfil do Instagram @urbanapesquisa, com vídeos curtos dos participantes, e algumas recomendações foram transformadas em vídeos curtos para ampliar a difusão.

Esperou-se criar, a partir da adoção de diversos formatos, uma atmosfera lúdica para o tratamento de temas sensíveis, e oferecer inspiração sobre caminhos para a superação de problemas que envolvem as questões raciais, de classe, de gênero, de cosmovisão, etc., e avançar na direção da construção de um ensino superior que atenda os anseios dos grupos invisibilizados na sociedade e ainda tomados como minoritários pela agenda da educação superior. Este projeto apoia o reconhecimento das realidades socioespaciais de povos nativos, mestiços, tradicionais, que alcançam maior representatividade na universidade pública graças à Lei de Cotas, e que estão nas cidades amazônicas e em especial nas suas periferias.

A iniciativa espera oferecer argumentos para que ocorra a adaptação de conteúdos na formação universitária, em Arquitetura e Urbanismo e nas outras áreas que têm impacto nas relações socioespaciais das pessoas. Para que a observação, a escuta, e a autoafirmação da sociodiversidade que existe nas cidades possa se materializar na atuação de profissionais preparados para compreender a si próprios, e para se colocar como sujeitos de mudanças materiais positivas em seus contextos de origem.

Referências

ACOSTA, A. (2011). Bem Viver, uma oportunidade de imaginar outros mundos. São Paulo: Elefante.

FANON, F. (2008). Pele Negra, Máscaras Brancas. Salvador: Edufba.

FREIRE, P. (1996) Pedagogia da Autonomia. Saberes necessários á prática educativa. São Paulo: Paz e Terra.

FREIRE, P. (1987) Pedagogia do Oprimido. Rio de Janeiro: Paz e Terra.

RIVERA CUSICANQUI, S. (2015). Sociología de la imagen: miradas ch'ixi desde la historia andina. Buenos Aires: Tinta Lemón.